

1º Lugar

Pseudônimo: JOÃO

ESCREVA, QUERIDA

Francisco de Moraes Mendes

LETRAS

Mestrado em Literatura Brasileira

sim, já é para escrever. Você fica aí na máquina e eu vou ditando a história, como o velho Fiodor ditava para a secretária dele. Por enquanto não tem enredo, talvez uma atmosfera. Estou olhando a esquina lá embaixo e você pode ir reproduzindo o que estou dizendo, porque isso já é o começo. Você abre parágrafo, se o bloco estiver ficando muito comprido, ou quando eu indicar. Depois, fazemos revisão. Parágrafo. Os teóricos comparam o texto a um tecido, aliás a origem dessas palavras é a mesma. Então é como se você estivesse pondo num bordado as duas mulheres na esquina, uma das quais procura com certa ansiedade alguma coisa na bolsa. Parece que esperam um táxi. Difícil encontrarem um a essa hora, quinze para seis da tarde da sexta-feira em que sessenta milhões de brasileiros entraram nas casas de loteria para apostar na Sena acumulada. Mas isso já é desvio. Se eu imitar outras vozes é porque é um diálogo, então você abre travessão e vai em frente. **Meu Deus, perdi minha carteira!**, diz uma. **Querida, você se espanta tão bem! Impressionante! Onde você aprendeu?**, diz a outra. A primeira mulher continua revirando a bolsa, mas parece que agora procura um cartão ou agenda com o endereço do curso de espanto. Nisso, passa por elas um cão, um vira-lata, com a mão na boca. Por favor, escreva do jeito que eu ditar. Eu já estava conseguindo o clima. Tente se comportar como a secretária do Fiodor se com-

portaria. E, por favor, não ria. Parágrafo. Foi então a vez da outra demonstrar que não precisava freqüentar a escola de espanto. Levou a mão à boca, como o cão, antes de gritar: **Aquele cachorro está com a mão na boca.** Isso atrai a atenção das pessoas. Um garçom da pizzaria, um sujeito que passa, uma velhota carregando um saquinho de leite e quem espera para atravessar a rua, oito ou dez pessoas. Todas olham imediatamente para a mulher que tinha gritado e olham em seguida para onde a mulher está olhando, que é assim que se forma uma trama de olhares. Parágrafo. Ao depararem com o vira-lata, as pessoas repetiram mais ou menos o mesmo gesto, como se tivessem ensaiado: o de olhar para a ponta dos próprios braços, certificando-se de que a mão na boca do pestiperebento magricela não era de nenhuma delas. O cachorro também não pertence a ninguém, quero dizer, a nenhuma delas, mas alguém comentou tê-lo visto tomando sol deitado no monte de lixo ao lado da igreja batista. Pelo que pode haver de bucólico num vira-lata tomando sol num monturo de lixo, registre o comentário. Parágrafo. A velhota que carrega o leite, eis uma personagem que pode vir a desempenhar papel importante na narrativa, embora seja cedo para sabê-lo, diz ao garçom que já pediu providências à polícia para que impeça os mendigos de se juntarem ao lado da igreja e proíba as pessoas de jogarem lixo no local. O garçom, talvez sentindo-se, enquanto empregado da pizzaria, veladamente acusado pelo lixo que aparece misteriosamente ao lado da igreja, assente uma monossilábica meia concordância com a mulher. A noite, então, só vendo a pouca vergonha misturada com cachaça que eles fazem, a mulher faz soar nos tímpanos do rapaz. Também, eles nada têm a perder. Nós é que padecemos com tantas coisas ruins acontecendo. A mulher deve ter mais coisas para dizer, mas devo poupar minha voz dessas imitações. Apenas o necessário. Agora, parágrafo, por favor. O garçom olha para a mão e para o cachorro e pensa que sim, que os mendigos também têm coisas a perder. Trágica? Pelo amor de Deus, não fique interferindo na história. Por enquanto a mão é apenas uma metáfora na boca de um cão sarnento. Falemos do cão. Parágrafo. O cão, com aqueles olhos tristes de quem não recebe

um carinho desde que nasceu. Bem, uns podem achar que ele nasceu; outros podem discordar. Aquele que somente de vez em quando consegue comer alguma coisa decente aguardava permissão do trânsito para atravessar a rua. Primeiro passou uma caterva de ônibus. Depois uma enfiada de monzas escorts fuscas kombis. Surgiu uma oportunidade, na qual ele atirou as patas, mas um fusca saiu da garagem do edifício, e ele foi obrigado a recuar. Não vamos descrever o que ele leva à boca. Basta dizer que é uma dessas mãos cor de cera, com o polegar um tanto danificado. De resto as unhas dos mortos sempre parecem grandes demais para os dedos que parecem pequenos demais para as unhas. Parágrafo. A Rio Grande do Sul, entre Bias Fortes e Amazonas, é repleta de lojas que vendem roupas no atacado; ali as sacoleiras vão buscar mercadorias e, geralmente, deixam táxis esperando à porta das lojas. Você vê muitos táxis mas nenhum deles está disponível a essa hora. Entre a pensão de encontros, onde as pessoas devem ter suspenso sessões de carícias para ver a confusão que se forma na rua, e um dos poucos prédios baixos que ainda resistem naquele quarteirão à fúria das imobiliárias, existe um lote vago, com os tapumes estragados pelos mendigos. É diante daquele terreno baldio, que não posso ver daqui mas isso não importa porque o que conta é a imaginação, é diante do terreno que o cão pára, indeciso entre abrigar-se no lote ou atravessar a rua, agora que percebe uma porção de pessoas olhando para ele. Parágrafo. Um grupo de homens resolve dar ouvidos à velhota e dirige-se ao monturo de lixo para ver se encontra algo em que se possa notar a ausência de mão. Sim, eu reconheço que chamar alguém de algo é de mau gosto, mas depois eu conserto. Interferiu, outro parágrafo. O cachorro parece ter percebido que o trânsito não vai parar nunca, somente depois das sete da noite é que o fluxo de automóveis diminui. Nas tantas vezes em que o sinal da Rio Grande do Sul com Amazonas esteve fechado, desde o início desta narrativa, o cão teve medo de atravessar entre os carros. Digamos que tenha sido por causa do barulho dos motores ou então você pergunta para ele. O fato é que se ele atravessar, a trama se desmorona. A tensão necessária para dar curso aos

acontecimentos é maior do lado de cá, porque as pessoas que se encontravam na pizzeria e nos bares contíguos a ela estão se apinhando perto do cachorro, formando uma espécie de círculo que só não é inteiramente fechado porque os tapumes do lote avançam sobre a calçada. Então podemos dizer que o animal, põe animalzinho, está cercado mas ninguém tomou ainda a iniciativa de fazer qualquer coisa. A não ser olhar. Os espetáculos, afinal, existem para isso: para serem olhados. Juntando gente, naturalmente chega a polícia. Alguém sussurra que com a polícia chega a confusão. Para o cachorro é possível, no entanto, que tenha chegado, senão a salvação, ao menos o adiamento da danação, pois nesse momento um garçom, e pode ser o mesmo que ouvia a velhota, discutia com os colegas, segurando um porrete, se não seria mais fácil partir a espinha do animal. Parágrafo. As pessoas, que a esta altura deviam ser umas quarenta, sem que o leitor lance um olhar de desconfiança ao autor, talvez até mais que isso, formavam um círculo cerrado e o policial, depois de tentar furar o cerco, achou mais conveniente e estratégico solicitar reforço para lidar com tantos elementos. Os elementos eram, além do povo, o ar então demasiado denso, o próprio cão, cuja presença era ignorada pelo policial até aquele momento, e um engarrafamento que começava porque, com a calçada inteiramente tomada, os transeuntes, putz, que palavra, passaram a disputar espaço com os automóveis, indiferentes às buzinas e aos palavrões dos motoristas. Parágrafo. Observe que as frases sempre chegam com atraso. Dizer que o engarrafamento começava tornou-se falso porque ao final da frase o trânsito estava inteiramente impraticável. Um ônibus que fazia conversão da Augusto de Lima para a Rio Grande do Sul ficou atravessado na diagonal, sem poder terminar a curva nem voltar. Em seguida, um novo enxame de ônibus que subia a Rio Grande do Sul tratou de fechar completamente a outra pista da Augusta de Lima e a praça Raul Soares foi inserida no problema. Os motoristas nem buzina mais, descem dos carros e vão verificar o que está acontecendo, de modo que quando terminar este parágrafo as quarenta pessoas lá do início serão oitenta ou cem, porque dos ônibus também começa a descer gente.

Lá no meio do bolo, o vira-lata, acuado, atemorizado, sentou-se e ficou abanando o rabo, sem contudo tirar a mão da boca. As duas mulheres reaparecem em cena, destacam-se da multidão e desaparecem no interior de um táxi que acabou de ser deixado pelo passageiro, justo no momento em que um pivete se aproximava para nos dar uma história paralela interessante. Talvez ainda dê. O menino parece ter entre oito e nove anos, logo deve ter quatorze ou quinze. Mirrado, mulato, olhos castanhos. Deve ter lamentado perder as mulheres, antes de avançar em direção à multidão. Tenta atravessar a barreira humana, num desses poucos momentos em que a magreza pode ser útil, mas a massa é muito compacta, impenetrável. Então ele se distrai olhando a vitrine cujas luzes acabam de acender, onde uma mocinha despe o manequim de mulher. É o manequim ou a manequim? É mulher, escreva a manequim. Alta, tem cabelos de verdade, seios perfeitos, onde devia ser o púbis é inteiramente liso, e dirige o olhar para o manequim que passou o dia com os braços abertos para recebê-la. Ah, sem que o abraço se consumasse. A cena está com jeito de que vai render. A moça deixa a vitrine e a manequim nua, e o menino esquece de vez a multidão e enfia a mão no short. Esvaiu-se nesse gesto uma história interessante. Parágrafo. Na multidão, os que estão em posição privilegiada, e quero dizer aqueles próximos ao cachorro, nada dizem; pode-se pensar, sem constrangimento, que o olhar daquelas pessoas é quase de pura veneração. Os que estão um pouco mais atrás, vendo partes do cão, caso consigam mudar de posição, balbuciam comentários; os relegados ao terceiro ou quarto planos trocam hipóteses sobre o que poderia estar ocorrendo adiante. Há outros, sobre os quais não vou me estender. Abrem bolsas, batem carteiras, essas coisas. Parágrafo. Imaginemos esse momento congelado, o cão, a multidão, os garçons, a velhota, o menino, a manequim. Pousa sobre esta realidade um véu delicadíssimo, feito de silêncio e tensão. Pense em toda essa paralisia. E nesse murmúrio, entre o silêncio e a tensão, que não vai durar, por evidente, muito tempo. Quem tentasse narrar com o máximo de verossimilhança o que sucederá daqui em diante, o que, óbvio, não é o nosso caso, diria que o silêncio será quebrado camada

por camada, primeiro pelo som longínquo da fria lâmina de uma sirene, depois por várias outras. O som de uma buzina inaugura a si mesmo, também longínquo, e cresce em seguida, como se a um solitário oboé o maestro fizesse ir juntando, numa mesma nota, um a um, todos os instrumentos da orquestra. Paremos com a metáfora, que cheira a Bolero de Ravel, quando o clima é mais de Pavana para uma Defunta Infanta. Parágrafo. Ferocidade é a palavra. Os carros voltam a buzinar com ferocidade. O motorista do ônibus preso na diagonal pisa com ódio o acelerador, despertando o soldado daquela imobilidade que somente a literatura e talvez a pintura podem conferir a certas situações. O soldado não demora a concluir que é essa imobilidade de livro que impede a chegada do reforço e quanto pior está pior irá ficar. Chama um companheiro e vão, em comissão, solicitar às pessoas que desimpeçam a passagem. As pessoas não podem ouvi-los. A essa altura, toda a área da praça está tomada pelos automóveis. Os barbeiros, lá do outro lado da praça, deixam os fregueses lendo Veja e especulam sobre o motivo da confusão, na porta da barbearia. Um deles diz que é por causa da passeata. Professores da rede pública descem em passeata a avenida Bias Fortes. Parágrafo. **Tudo acontece na hora em que as pessoas saem do trabalho**, reclama a moça, antes de estender os pés até o painel do carro, deixando o crepúsculo alisar suas coxas morenas. Sim, na hora em que as pessoas saem do trabalho, Joaquim de Tal acaba de matar com várias facadas sua companheira Eleusa, depois de ferir no braço João da Silva, vulgo "Manduca". que, no entanto, conseguiu escapar pulando a janela do barraco. Você não acha estranho os jornais de amanhã virem dizer que ele escapou com vida? Alguém escapa sem vida, por acaso, escapa? Joaquim chegou do serviço um pouco mais cedo, porque fora despedido, e encontrou João da Silva com Eleusa, no seu barraco. A notícia completa sai no jornal amanhã, você poderá ler na banca do Remy, aí na praça, Querida, abra parágrafo para o abaloamento. Um motorista tentou passar com a metade do carro sobre a calçada, mas o paráchoque esbarrou em outro carro. Os motoristas trocam insultos. Outro parágrafo, rápido, o menino gozou. Enquanto mordida os lábios,

ergeu demais os olhos, como se quisesse ver como funciona o cérebro nessa hora e está tendo uma convulsão. Ou pode ter sido a fome, o desejo, a magreza, a pobreza, para um esclarecimento definitivo, queira consultar as estatísticas sobre o consumo de proteínas em economias em desenvolvimento. A Unesco deve ter alguma. Está caído de costas e, contorcendo-se, consegue roubar parte da atenção de um grupo que, de tão distante do cão, não sabe o que faz ali. Parágrafo. Você se cansou? Mas não é possível. Não estou correndo, estou? Dê uma olhadinha naquela estante e pense no que a secretária do Fiodor não deve ter passado. Já vamos terminar. Parágrafo. Não, não há nada enrascado, está tudo sob controle. A velhota? Está bem, mencionarei a velhota. Ela tinha tudo para crescer na história, mas não cresceu; acho que o pivete tomou o lugar dela. Ele não conseguiu roubar a bolsa das mulheres mas roubou o lugar da velhota. Mas eis uma frase com a velhota, no próximo parágrafo. O soldado atira para o alto, a velhota se assusta e deixa cair o saquinho de leite. O cachoro também se assusta, mas nem por isso tira a mão da boca. Ameaça revidar o tiro com um rosnado. Menos a multidão, colosso irremovível em sua contemplação. Vê, doce secretária, as coisas começam a acontecer. Não gostou da frase com a velhota? Não? Faço outra. Parágrafo. Convencidos, uma pela idade, outro pela circunstância da vida, de que não adianta chorar sobre o leite derramado, os olhares da velhota e do pivete encontram-se pela primeira vez. É na mancha branca de leite que se espalha pela rua que eles se encontram. O pivete, livre das prisões que a educação impõe à imaginação, pensa que se ele fosse um gato e não um pivete poderia caminhar até a poça de leite e lambê-lo, sentindo o asfalto fazer-lhe cócegas na língua. A senhora, prisioneira das malhas que a educação impõe à imaginação, pensa a mesma coisa, por mais incongruente que possa parecer. Sem o saber, sua alma dá a mão à alma do pivete. E fim de linha para gatos, pivetes e velhotas. Parágrafo. A narrativa será no passado, pois trata-se de uma ação simultânea ao gozo do idiota do pivete. Era tempo de alguém fazer alguma coisa. Dos motoristas que se insultavam, o mais forte, um homem gordo, passou a perseguir o desafeto, que, embora

mais fraco, era mais ágil, e enquanto corria em volta do automóvel do gordo, quebrava as lanternas a pontapés. Tentou sem sucesso quebrar os faróis, mas causou sérios danos à porta direita. O gordo, que não compreendia porque se enredara naquela situação, gritava **te mato, filho da puta, te mato com essas mãos**. Eram observados pelo terceiro soldado, o que não tinha entrado na história. E que decidiu não entrar mesmo, limitando-se a olhar, ar desolado, os dois homens. A coletividade anda indisciplinada demais, pensou o terceiro soldado e deu um suspiro, ou melhor, um sopro, como se pudesse, soprando, expulsar tudo aquilo da vida dele, incluindo a farda, a mulher e os dois filhos, as goteiras no quarto, o zumbido irritante da televisão, as duas falhas no fundo da boca. E quem sabe, livre de tudo isto, pudesse comprar um vídeo-cassete e ser feliz.

Parágrafo. A noite acaba de cair sobre os pensamentos do soldado e eu mesmo não tinha reparado nisso. Você não acha que se a noite viesse fazendo uma espécie de contraponto com o desenrolar desse novelo de acontecimentos talvez fosse reduzida certa *secura* que, se bem me lembro, passeia em certos trechos da narrativa? Você não precisa achar nada, está bem, estava só pensando em voz alta, procurando um final. A chave estava no cair da noite, forjava-se uma metáfora, suspendia tudo outra vez, como no trecho da imagem congelada, e podíamos cair na farra, que amanhã é sábado. Será que alguma vez a secretária do Fiodor se dirigiu a ele nesse tom? Parágrafo. Um fiapo desse louco novelo que é formado pelos carros, se os vemos do alto, foi puxado. Uma das filas começa a deslizar. Logo o trânsito estará fluindo e os motoristas comemoram, buzinando obstinadamente. Os policiais deixaram as viaturas e chegam à pé. O menino consegue se assentar e leva a mão à cabeça. Sentindo o sangue na mão, cai no choro como qualquer outra criança faria, em circunstâncias semelhantes. Levanta-se com certa dificuldade e depara com a manequim, outra vez vestida. A polícia dispersa a multidão, com um pouco de tumulto e pânico, sem maiores conseqüências, mas que deixam pequenas marcas na rua. Um objeto atirado contra a vitrine atinge a manequim, que tomba sobre o homem de braços abertos. O menino afasta-se dali.

Um último parágrafo, por favor. Quando, em lugar da balbúrdia, deparamos com a rua vazia, poucos carros passando, estou adiantando a história, querida, para terminarmos logo, alguns objetos dizem, de maneira rascunhada, o que ali se passou. Cacos da lanterna do carro do gordo, manchas do sangue do pivete, o leite derramado, um pé de sandália, a vitrine quebrada. Um poeta bêbado que passasse ali, tarde da noite, diria que os manequins abraçados são cúmplices no desamparo. Não gostou da imagem? Então escreva que o poeta estava mais bêbado que eu imaginava, mais romântico e babaca que eu imaginava. Ah, além das manchas, do pé de sandália e de um lenço sujo, o cachorro estirado junto ao tapume, na parte de dentro do lote, para onde alguém teve a bondade de empurrá-lo. Não fosse pela mancha escura na cabeça, diríamos que ele dorme. Só voltará a incomodar daqui a dois dias. Agora escreva fim. A mão? Mas quem se lembra da mão? Está bem, você pode escrever, se quiser, como poderia constar de um relatório policial, que, restaurada a ordem pública, a tropa, a partir de depoimentos colhidos no local, vasculhou cada canto da rua e do lote sem nada encontrar. A mão, cuja existência é posta em suspeição pelas autoridades, teria desaparecido, enigmaticamente. Se você não quer que se desloque o ponto de vista, podemos pensar outra solução. Comida pelo cão? Nunca. A idéia de o cachorro carregar consigo a mão era uma metáfora. Com ela eu queria dizer que ele finalmente teria encontrado a mão que jamais lhe destinara um afago. Mas pode não ser nada disso, pode ser, o que no fim acaba sendo mais plausível, que a mão fosse mesmo de cera, feita com destreza por um escultor que trabalhasse sempre seus objetos à beira da perversidade. Daí ela parecer real. Ou você não acha que a perfeição somente é atingida quando se tem em mente um ideal perverso?